

UMA (HUMILDE) HOMENAGEM PRAGMATISTA A MAURÍCIO SERVA

Danilo Melo¹

Gustavo Matarazzo²

Rafael Alcadipani³

PERSPECTIVAS INICIAIS

Todo ser é potência e a potencialidade
de cada um se desenvolve na relação.

Baruch Spinoza

Iniciamos nosso ensaio-depoimento destacando que nosso objetivo principal é homenagear o professor Maurício Serva pela sua contribuição com o campo dos Estudos Organizacionais (EOR), em especial, com destaque para a sua trajetória recente na aproximação com a abordagem pragmatista. Este texto, escrito a seis mãos, apresenta inicialmente relatos e memórias dos autores com Maurício Serva, marcadas pelas experiências em espaços criados pelo professor, como o

¹ Doutor em Administração (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil). Professor Adjunto da Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://lattes.cnpq.br/5250558538909060>. <https://orcid.org/0000-0003-4799-5159>. danilo.melo@udesc.br. Endereço para correspondência: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Educação Superior da Foz do Itajaí, Departamento de Governança Pública, Avenida Lourival Cesario Pereira, s/n, Edifício Alcides Abreu, Nova Esperança, Balneário Camboriú, SC, Brasil. CEP: 88336-275. Telefone: (55 47) 33986592.

² Doutor em Administração (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil). Professor EBTT do Instituto Federal de São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/3110404523701548>. <https://orcid.org/0000-0002-4640-3863>. gustavo.matarazzo@ifsp.edu.br.

³ Ph.D. em Management (University of Manchester, Reino Unido). Professor Titular da Fundação Getulio Vargas. <http://lattes.cnpq.br/5973712900242603>. <https://orcid.org/0000-0001-5132-5380>. rafael.alcadipani@gmail.com.



Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD) e o Colóquio de Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração.

Assim, primeiramente, o texto apresenta relatos individuais em primeira pessoa do singular. Tais interações evidenciam o modo generoso e ético de organizar e de pensar-construir espaços no campo científico da Administração. Na sequência, desenvolvemos três seções fundamentadas em máximas pragmatistas. Nelas, realizamos um exercício epistemológico e teórico-analítico que evidencia as posturas e práticas nesse projeto recente que chamaremos de guinada pragmatista.

Propusemos, também, evidenciar nas próprias relações do colega-professor-pesquisador essas máximas. Destacamos, de início, duas questões fundamentais na trajetória e marcas desses/nesses espaços: a resistência e potência no/do fazer científico em administração e a preocupação epistêmico-metodológica com a ação nas organizações. Enfatizamos, posteriormente, que algumas de suas preocupações epistemológicas, hoje cunhadas de pragmatistas, de algum modo, estiveram, evidente ou embrionariamente, presentes em sua trajetória. Atualmente, tais questões ganharam maturidade e podem ser melhor compreendidas a partir de suas próprias perspectivas (ver Serva, 2023). Salienciamos que nossas relações garantiram experiências de/com pesquisa no sentido pragmatista bastante ricas, com perspectiva crítica, potência analítica, preocupação epistêmico-metodológica para analisar a ação e o vivido no contexto das organizações.

Trata-se, portanto, de uma homenagem ao professor-pesquisador pela admiração e pela sua contribuição com o campo, pelas suas posturas e ensinamentos, por praticar e viver aquilo que ensina. A trajetória com o professor Maurício Serva nos mostra o perfil de um intelectual que se interessa pelas questões teóricas das mais densas, pela reflexão e diálogo generoso com seus

estudantes e colegas; que promove uma pesquisa que faça sentido e que esteja ancorada na ação; que evidencie, de modo crítico, as relações e possa promover, de algum modo, uma ciência da administração mais engajada com as questões de nosso tempo e ancorada no vivido.

RELATO DE DANILO

Estive na primeira turma de graduação de Teorias da Administração quando o professor Maurício chegou a Florianópolis. Os professores do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao apresentarem o professor Serva, enfatizavam a chegada de uma das referências de nosso campo na Universidade. Estava na segunda fase do curso e já nas primeiras aulas vi um modo de pensar para além das caixas, de pensar a prática administrativa e fazer a crítica. Sobretudo, essa crítica passava pela discussão de textos densos com exposição e diálogo sobre os tópicos de um modo que ancorava as discussões no Brasil. Ao final de algumas aulas, por exemplo, apresentava a série de O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro narrada por Chico Buarque. Era uma preocupação com uma formação em administração que lançasse olhar para as realidades dos muitos “Brasis”, uma formação que estivesse atenta aos clássicos e à interdisciplinaridade, que já eram marcas de sua forma de pensar a academia e o fazer científico.

Em 2008, passei a integrar o grupo coordenado pelo professor, o Núcleo ORD e, desde então, tenho trabalhado sob sua orientação em projetos de iniciação científica, no TCC, no mestrado e no doutorado. Foram diferentes projetos e objetos de pesquisa, projetos de assessoria para organizações e seminários de pesquisa. O Núcleo, composto por estudantes e professores, apresentava distintas linhas, como racionalidade nas organizações, epistemologia e sociologia da ciência da administração, economia social e desenvolvimento territorial sustentável, por exemplo. Esse interesse por uma pluralidade de temas e objetos não era, no entanto, fragmentado e mantinha-se em constante atualização. A

preocupação com a governança ambiental no Núcleo se ampliou, por exemplo. O professor Maurício conseguia apresentar o modo como via a interação entre escalas para análise das organizações e se interessa pelas pontes e pelas fronteiras temáticas.

Nas reuniões de planejamento anual no Núcleo, todos se apresentavam, conheciam os trabalhos e projetos em desenvolvimento e construía-se um espaço de diálogo sobre as parcerias e os eventos esperados para o período. O professor Maurício conseguia fazer das reuniões coletivas e orientações individuais espaços de diálogo, com uma escuta atenta e comentários que poderiam mudar a trajetória de um seminário, de uma pesquisa. Entre os orientandos dizíamos que em apenas uma frase, ele conseguia mudar todo um texto. As reuniões e orientações eram seguidas de almoço e/ou cafés e aprendemos que poderíamos falar sobre outros temas (música, yoga, artesanato, família, viagens, amigos). Essa prática construía um ambiente de discussão teórica densa, sem desconectar de outras dimensões da vida.

Algumas gerações passaram pelo ORD e o professor Maurício, sempre interessado em formar professores e pesquisadores para o campo, dialogava não apenas sobre as questões epistemológicas, mas também sobre aquelas do cotidiano, dos desafios da carreira. Na empreitada de uma “virada pragmatista” no ORD, próximo de 2010, pude acompanhar e vivenciar todo o cuidado teórico e metodológico do professor na construção da abordagem com seus estudantes. Inicialmente um grupo de estudos foi criado para dialogar sobre obras clássicas com alguns orientandos e fazer avançar as pesquisas no campo da administração, na sequência uma série de interações com pesquisadores do campo, intercâmbios e teses consolidaram um modo de empreender análises pragmatistas em organizações (Serva, 2023).

Em 2009, viajei para fazer campo no Oeste catarinense, com vinte e poucos anos, o professor Maurício acompanhou de perto o processo, ouvia relatos de

campo, algumas frustrações nas agendas, dialogava sobre as entrevistas e análises. Recordo-me de algumas vezes, em vários períodos da minha formação, de estar em campo e ligar para dialogar sobre desafios e dúvidas, das mais operacionais às mais teórico-analíticas. A recomendação sempre passava por relatar o que estava vivenciando em campo e era uma escuta atenta. Outras vezes as ligações e mensagens eram para comemorar a riqueza do campo e dos achados. Nossas conversas, em todos os momentos, encerravam-se com um “vamos em frente!”.

Nas conversas, Maurício sempre fala com orgulho de sua tese e queria que seus orientandos escrevessem trabalhos significativos, que avançassem no campo e dos quais pudessem se orgulhar. Ao mesmo tempo, o professor ponderava sobre os desafios de pesquisa vivenciados no país, e frente à pressão por produção, mostrava a importância da pesquisa. Era algo que, por vezes, tive dificuldade de entender, tendo em vista as cobranças e o ambiente produtivista. A academia parecia sempre uma corrida muito veloz, parecia que estávamos atrasados. Ele com muito cuidado alertava sobre o adoecimento dos pesquisadores, sobre o dia a dia de um professor-pesquisador, sobre as dimensões sociopolíticas e os espaços de poder em jogo nos espaços de regulação, sobre o adoecimento, de certo modo, da “própria ciência” que trocava relevância por métricas e impacto de um modo unidimensional.

Ao empreender a guinada pragmatista no grupo, além de todo o preparo teórico víamos a ousadia no projeto. O professor Maurício entrou em contato com os autores das obras que estávamos lendo, trouxe-os ao Brasil com muito esforço e empreendeu reuniões de pesquisa e de trocas acadêmicas. Deixava claro que não estávamos procurando importar uma teoria ou metodologias, estávamos em processo de construção, num artesanato científico, trocando e interagindo com colegas de modo atento e sensível à realidade brasileira. Evidenciava em sua prática a importância de continuar sempre estudando. O projeto implicava dialogar sobre os desenhos da pesquisa, sobre as escolhas e refletir muito antes

de publicar. O professor Maurício sempre levou a publicação muito sério, sendo muito cuidadoso.

Esse projeto científico pragmatista empreendido desde então leva a sério os atores, procura ultrapassar os dualismos e dualidades, constrói perspectivas e análises menos engessadas dos valores, das instituições e da ação no campo. O pluralismo e a processualidade foram marcando os projetos e chegavam dúvidas na prática da pesquisa, tendo em vista as novas perspectivas ontológicas, metodológicas e epistemológicas que o pragmatismo nos trazia (e desafiava). Foram esses os momentos mais ricos da orientação. Trocávamos textos, ideias, e quando chegávamos com duas saídas, Maurício apresentava uma terceira ou quarta opção e dizia: “não precisa me responder agora, vá pra casa e pense”. Esses aprendizados com Maurício passam pela ação e interação com ele, podendo ser lidos em diversas “camadas” e reverberam elementos de generosidade, assim como de crítica a uma academia que, por vezes, esvazia a reflexão e o diálogo.

Dialogando com outros colegas e ex-orientados, é possível dizer que o professor Serva atua na formação para que seus orientandos se desenvolvam como professores e pesquisadores com muita seriedade. As recomendações em sua prática direcionam os seus orientandos a estarem cientes dos desafios, sendo críticos à precarização do trabalho e ao produtivismo e, ao mesmo tempo, pensando alternativas, criando e participando de espaços significativos de resistência a essas pressões. Do mesmo modo, em sua prática, o professor Serva aponta para uma academia que não deixa de estudar e de fazer pesquisa; que dialoga com outras áreas sem arrogância e sem subserviência; que está atenta e sensível ao vivido em nossos contextos; que reflete sobre si. Na sequência, a partir de alguns desses relatos-memórias, empreendemos um esforço de retomar algumas das máximas do pragmatismo para pensar essa ação/interação com e a partir dele.

RELATO DE GUSTAVO

Iniciei os meus estudos de pós-graduação, no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2010 orientado pelo professor Sérgio Boeira. Na época, ele me convidou para participar de um grupo de pesquisa do qual ele fazia parte, o Núcleo de Pesquisas em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD), coordenado pelo professor Maurício Serva, à época também coordenador da pós-graduação.

Naquele início de 2011, sem ainda me relacionar profundamente com o grupo de pesquisa e seus membros, recebi um e-mail do coordenador do programa de pós-graduação, o próprio Maurício, a respeito de um evento que seria realizado pelo grupo de pesquisa. Tratou-se da primeira edição do Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. Na ocasião, o professor Maurício havia escrito sobre a importância das temáticas tratadas no evento para a jornada de formação de pesquisadores. Suas palavras me chamaram a atenção, me inscrevi e participei do evento que marcou e mudou visceralmente a minha trajetória.

Passado o evento, incorporei-me ao grupo de estudantes que trabalhava na sala 229 do Centro Socioeconômico da UFSC, o Núcleo ORD. Com o passar do tempo e o compartilhamento do espaço, passei a atuar em diversos projetos do grupo de pesquisa, com organizações da sociedade civil e públicas. Foi durante a ação coletiva nesse espaço e no desenvolvimento desses trabalhos que tive a oportunidade de, cedo, enxergar os princípios ético-políticos que regiam/regem a conduta do professor Maurício, modulando as constituições das relações pessoais e profissionais. Sempre chamou a minha atenção que essas convicções buscavam garantir espaços ao outro e aos seus desejos, levando em conta o histórico de suas experiências na construção de seus caminhos acadêmicos ou pessoais. O Maurício sempre esteve atento ao outro, enquanto ser, e isso se

revelava em “tempos” diferentes na condução da formação dos seus variados orientados. As pessoas se engajavam nas atividades a partir de suas predisposições, sempre percebi a ausência de um roteiro para tratar a formação das pessoas como se fossemos iguais. Tudo isso corrobora que "um verdadeiro professor não transmite conhecimentos ou conteúdos que ele aprendeu e domina, mas a relação que ele tem com o saber do qual também se torna autor ao tornar seu o que lhe foi legado" (Dunker, 2020, p. 199).

Desde então se passaram mais de uma década e temos desenvolvido várias atividades juntos. Cheguei a conclusão de que o trabalho é um dos principais, se não o mais importante, elemento de subjetivação do Maurício. Arrisco dizer ser impossível trabalhar com ele sem enxergar a fusão das dimensões acadêmica e pessoal. Para mim, esse comportamento trouxe um espaço seguro de acolhimento em um ambiente que costuma carregar um extenso conjunto de experiências de sofrimento. Isso me deu ferramentas para assumir efetivamente a autoria daquilo que eu fiz sob sua orientação. Nunca me vi simplesmente como um reprodutor de ideias que eram do Maurício, ao invés disso, sempre o considerei um guia para o desenvolvimento de minhas ideias, concepções e argumentos.

"A experiência da escuta tem uma função educativa indireta que é a modulação de nossos afetos, emoções e sentimentos" (Dunker, 2020, p. 119). Trouxe essa reflexão psicanalítica para salientar que trabalhar com o Maurício não é ser considerado mais uma peça em seu conjunto de orientações que garantirão mais artigos para os currículos Lattes. A convivência com o professor Maurício é uma experiência de generosidade, pois você se enxerga em meio a uma economia de afetos própria dos espaços que ele ajuda a construir. Afetos esses que pavimentam um espaço acolhedor, permeado por uma outra racionalidade, a de lógica substantiva (Ramos, 1989; Serva, 1996), com funcionamento em um tempo que considera o outro e a oportunidade de escutá-lo.

RELATO DE RAFAEL

Conheci os trabalhos do professor Maurício quando ainda era aluno de graduação. Fiquei muito interessado por seus debates sobre o tema da importação de metodologias administrativas no Brasil, tema que eu posteriormente desenvolvi em minhas preocupações acadêmicas. Posteriormente, interessei-me por seus trabalhos sobre etnografia e também racionalidades administrativas. O professor Maurício foi um dos precursores de muitos dos temas que eu abordo hoje e que muitos de nós estudamos em Estudos Organizacionais (EOR) no Brasil. O professor Maurício é um dos grandes pensadores de nossa área no Brasil. Como ele nunca se curvou para os desejos do centro administrativo da nossa área, ele muitas vezes não recebeu o devido reconhecimento.

Mais à frente, os caminhos da vida nos aproximaram. Conversamos com muita frequência a respeito de muitos dos absurdos de nosso campo científico e desenvolvemos uma relação de grande afeto. Sempre que podemos conversamos, jantamos junto com a querida Carol e o Miguel. Mais à frente, transformei-me em um frequentador assíduo do Colóquio de Epistemologia onde conheci muitas pessoas que admiro e se transformaram em grandes amigos e companheiros de pesquisa. Mais recentemente, ele veio fazer um pós-doc sob minha supervisão na EAESP. Recordo que levei um susto quando ele me pediu isso, pois eu que teria que fazer um pós-doc com ele! Deve ter sido um dos raros casos em que o supervisionando ensina mais do que aprende. O querido Maurício é uma presença fundamental em nosso campo!

MÁXIMAS PRAGMATISTAS NA TRAJETÓRIA RECENTE

Nesta seção, desenvolvemos três máximas pragmatistas que, a nosso ver, atravessam o projeto recente, fundamentado em uma guinada pragmatista, no Núcleo ORD. Assim sendo, estão presentes em trabalhos frutos de orientação do

professor Maurício, a saber: o primado da experiência no fazer científico; a capacidade crítica dos atores; a indeterminação dos processos. Entendemos que o projeto não se limita às máximas aqui apresentadas. No entanto, enxergamos nas contornos ontológico e epistemológico desse projeto. Além do mais, compreendemos que elas se conectam com as práticas cotidianas do professor Maurício.

O PRIMADO DA EXPERIÊNCIA NO FAZER CIENTÍFICO

A noção de experiência tem possibilitado tornarmos-nos “autores-atores” em campo, no sentido de vivenciarmos o campo e visibilizarmos as interdependências entre seres, valores, moralidade e emoções, racionalidades e lógicas de ação. Nas nossas discussões, sempre ficou evidente a preocupação em considerar materialidades, sociabilidades, humanos e não-humanos, pesquisadores e pesquisados. Além de empreender relações fundamentadas em práticas dialógicas e substanciadas na interação/observação em campo na construção dos trabalhos, a própria experiência da/na construção da pesquisa é levada em conta.

Essa perspectiva permite centrar o olhar em “experiências fluidas e ‘devires’ abertos, ao invés do estudo de ‘seres’ e (ou) relações previsíveis de causalidade entre entidades sendo externas umas às outras” (Dépelteau, 2017, p. 417), em oposição ao que podemos vislumbrar em perspectivas mais estruturalistas e institucionalistas no campo.

Experiência é uma noção de duplo sentido, trata-se do ‘que’ e do ‘como’ experimentar: ‘[...] não admite divisão entre ato e matéria, sujeito e objeto, mas os contém numa totalidade não analisada’. ‘Coisa’ e ‘pensamento’, como diz James no mesmo contexto, são de sentido único; referem-se a produtos discriminados pela reflexão a partir da experiência primária. É significativo que ‘vida’ e ‘história’ possuam a mesma plenitude de sentido indiviso. (Dewey, 1974, p. 168).

Essa indivisão da/na experiência exige a busca pela superação dos dualismos (Bernstein, 2010) e, nesse sentido, buscamos tornar visível a ecologia ontológica (seres e associações) e o fluxo da ação presente nas situações. Isso implica mais do que inventariar atores, valores, racionalidades, emoções e categorizá-los. Podemos dizer, de outro modo, que se trata de levar em conta a experiência da natureza, assim como na natureza. A experiência bruta da investigação está marcada do complexo (Dewey, 1974) e cabe ao pesquisador reelaborar e descrever os modos como os “bens existem e se preservam somente através da mútua comunicação, e de que a associação é o meio de se efetuarem coparticipações está implícito no senso moderno de humanidade e de democracia” (Dewey, 2011, p. 171).

Captar o que emerge da ação é um desafio que implica todo o processo de pesquisa e traz repercussões na condução da pesquisa de campo. Os atores humanos e não-humanos são integrados na construção da investigação, afastando-nos de considerá-los como meros informantes ou seres isolados em si, o que passa pelo processo de interdependência (de seres e associações) no fluxo da ação. Além do mais o processo de desenvolvimento da pesquisa pode ser considerado uma experiência em si. Tal fato faz com que o pesquisador, em campo, seja implicado junto aos sujeitos/atores.

Considerarmos a experiência como um primado que faz com que estejamos abertos à contingência, além de reconhecermos a pluralidade inerente à vida. Essa pluralidade sempre salientada pelo professor Maurício na relação orientador-orientando passa por alertas e olhares para aquilo que é, comumente, silenciado nos processos de seleção (ou de pós-seleção) de categorias de análise e implementação de técnicas de coleta de dados. Esse processo iterativo e reflexivo da/na investigação difere de uma concepção estática de razão (Cometti, 2010) e torna assim a própria construção da investigação objeto de questionamento e reflexão constantes.

CAPACIDADE CRÍTICA DOS ATORES

Essa guinada pragmática permite uma posição central à ação dotada de sentido, reabilita a intencionalidade e as justificações dos atores numa determinação recíproca do dizer e do fazer. O social não é mais então concebido como uma coisa, ele não é mais objeto de reificação pois o ator e cientista são tomados ambos numa relação de interpretação que implica a intersubjetividade (Dosse, 2003, p. 16).

A perspectiva crítica empreendida nos trabalhos passam não só pelo arsenal teórico que o pesquisador pode dispor e levar consigo ao campo. Trata-se, mais que isso, de integrar a crítica que os atores desenvolvem, eles-mesmos, em campo sobre as situações-problema que vivenciam e os instrumentos e dispositivos com os quais interagem. As perspectivas tradicionais, sejam funcionalistas ou críticas, encaram os atores ou num automatismo com uma lógica transparente ou como agentes incapazes de refletirem sobre o que vivenciam. Tal fato sempre foi objeto de reflexão no contexto dos estudos do Núcleo ORD, sobretudo, nos formatos estabelecidos para um pesquisador "crítico" em Administração.

O pragmatismo permitiu considerar a capacidade crítica dos atores, de julgar e criticar a realidade que vivenciam, como defenderam Bolstanski e Thévenot (1991) com a noção de "sociologia da crítica". Não se trata de uma mera centralidade na dimensão individual, de um humanismo pré-crítico (Dosse, 2003), tampouco de uma isenção da crítica acadêmica, mas da atenção à produção de uma pluralidade de críticas, de um posicionamento ético-político que leva a sério as experiências dos atores. Com o pressuposto da capacidade crítica, os sociólogos franceses procuram centrar um olhar sobre as consequências da competência reflexiva – ou seja, o que os atores fazem e o que é possível 'fazer com' a capacidade crítica.

Assim o percurso pragmatista do Núcleo se inicia com as provocações advindas da sociologia da justificação em uma postura de levar a sério os atores, assim como dos estudos sociais da ciência de Bruno Latour. Frente à crise dos paradigmas unitários (funcionalismo, marxismo, estruturalismo) e às respostas holísticas e deterministas do social, o pragmatismo se apresenta “numa dinamização das “oficinas da razão prática” e, mais geralmente, poder-se-ia dizer, numa ‘humanização das ciências humanas’” (Dosse, 2003, p. 16).

A capacidade crítica está presente nos pragmatismos em sentido amplo, em formas de levar a sério os atores. Por exemplo, está no modo como os atores ampliam as gramáticas morais das lógicas de ação para fazer acordos e empreender críticas (Thévenot, 2006); desenvolvem repertórios normativos críticos frente aos dispositivos (Dodier; Barbot, 2017); argumentam, lançam alertas e criticam os discursos e práticas (Chateauraynaud, 2012); ou, ainda, como problematizam e publicizam questões vivenciadas em seu cotidiano na esfera pública (Cefai, 2017). Portanto, a consideração das capacidades críticas dos atores demonstra, a nosso ver, um exercício de afastamento das perspectivas que os tornam exclusivamente passivos seja dos aspectos sociais ou estruturais. Enxergamos na trajetória de Maurício uma espécie de humanismo interessado na complexidade das relações.

Os usos e leituras pragmatistas no Núcleo não se limitaram à obra seminal daquilo que ficou conhecido como “sociologia pragmática francesa”. Foi além, acompanhou os desdobramos, trouxe os atores para as discussões por meio de eventos, em especial, o Colóquio, bem como possibilitou uma releitura à luz desse percurso dos pragmatistas clássicos da Filosofia e das Ciências Sociais para uma análise pragmatista das organizações (Serva, 2023). Uma série de trabalhos no Núcleo foi desenvolvida em diálogo com essas obras, trazendo olhares para a ação.

A máxima de deixar os atores falarem (e lhes dar ouvidos) esteve presente nas investigações que realizamos em conjunto. Tal posicionamento, ao nosso ver, ganha ainda mais importância no que tange às realidades com profunda desigualdade social, como é o caso da brasileira, permitindo assim ampliar a compreensão sobre as organizações e as experiências que elas coadunam. Assim, o pressuposto da capacidade crítica permite acompanhar a produção da crítica realizada pelos próprios atores, de uma teorização e de uma ciência não extrativista ou domesticadora, mas sensível à ecologia da experiência e seus atravessamentos.

INDETERMINAÇÃO DOS PROCESSOS

A perspectiva sustentada por John Dewey de que as investigações são parte do cotidiano das pessoas torna evidente a indeterminação como um posicionamento que também se tornou importante nos trabalhos coordenados pelo professor Maurício. A indeterminação causa uma espécie de “barulho” no mundo (Boltanski & Thévenot, 2006, p. 135), isto é, os momentos de incerteza e indeterminação são espaços primorosos para a realização de investigações científicas e o pesquisador deve lançar seu olhar para os modos como os atores experienciam as indeterminações e investigam e atualizam suas capacidades críticas.

A partir da noção da indeterminação, Maurício desenvolveu no processo de orientação a atitude de se desvencilhar de esquemas teóricos pré-determinados que colocam os pesquisadores como aplicadores (reprodutores) de métodos e quadros teórico-metodológicos. A partir da consideração radical da indeterminação dos processos, cada projeto de pesquisa necessita, ainda, de ajustes ao longo do processo de pesquisa. Muito embora fundamentada em princípios e posicionamentos epistemológicos similares, a centralidade na indeterminação e incerteza exige uma atenção em compreender como os atores, eles-mesmos, experienciam os processos, estabelecem suas compreensões e críticas sobre o mundo, em um processo adaptativo e reflexivo. No que tange ao

desenvolvimento das pesquisas, essa máxima nos fez trabalhar com o desenvolvimento de operadores como lentes para a análise da ação nas organizações.

Essa empreitada analítica, uma espécie de artesanato, utiliza a indeterminação e a incerteza como objetos, mas também como fontes de produção de situações e experiências nas quais os atores designam, qualificam e justificam suas ações. Para que isso se torne saliente, é fundamental que os pesquisadores se afastem de posicionamentos preditivos ou explicativos, desenvolvendo aquilo que temos chamado de investigação (*inquiry*), noção fundamental para nosso exercício científico. Muito embora pareça obra de uma grande elucubração intelectual, ela está presente sobremaneira em nosso cotidiano. Muito “por causa do modo íntimo e decisivo pelo qual a investigação e suas conclusões participam na administração de todos os assuntos da vida, nenhum exame destes é adequado, a não ser na medida em que seja observado de que maneira são afetados pelos métodos e instrumentos da investigação que comumente ocorre” (Dewey, 1974, p. 214).

Essas situações constituídas na indeterminação e na incerteza permitem incorporar o primado da experiência e a capacidade crítica dos atores no fazer científico, trazendo implicações não só ontológicas, mas também metodológicas como vimos. Além do mais, acreditamos que estabelece um posicionamento fundamental para uma perspectiva ética no que diz respeito ao meio ambiente, já que esse tipo de posicionamento permite uma espécie de simetria, que leva em conta as agências dos humanos e dos não-humanos nas situações.

CONSIDERAÇÕES (POR ENQUANTO) FINAIS

Neste ensaio-depoimento procuramos tratar das experiências individuais e da construção de espaços científicos coletivos propostos pelo professor Maurício com algumas das máximas pragmatistas que orientam seu trabalho científico

recente. Destacamos três delas que atuam, a nosso ver, como elementos norteadores tanto das formas de produção de relações pessoais, como de projetos científicos no campo da Administração. A generosidade, a forma de ver o mundo e o outro, de se importar com as questões de nosso tempo, com a consolidação de um campo, assim como de práticas implicadas com problemas locais, são marcas do fazer científico, em sentido amplo, de Maurício Serva.

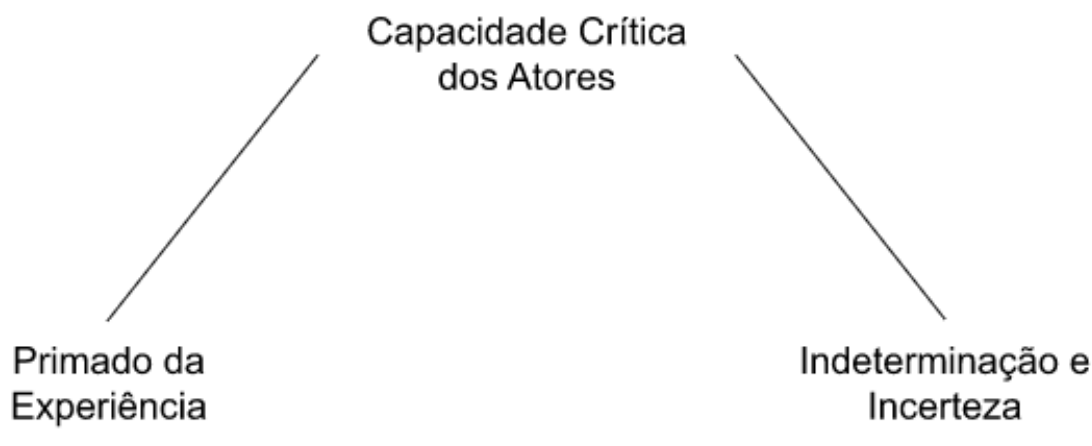
Vemos que nas relações, nos processos de desenvolver pesquisas, assim como na construção dos espaços científicos no campo, o professor Maurício empreende uma ação mergulhada em experiências significativas de si e do outro, que não separa o social, mas o agrega, levando em conta a pluralidade e os diversos modos de existência dos seres no mundo. Isso se evidencia pela generosidade com a qual estabelece, por exemplo, os processos de orientação e empreende espaços e projetos científicos no campo. Nos processos de orientações, atua junto ao pesquisador-em-formação abrindo um espaço seguro e acolhedor a respeito de suas questões e dúvidas sobre a construção do trabalho. Além disso, sempre traz a vigilância de se considerar a capacidade dos atores do campo, eles-mesmos implicados e trazidos para construção do trabalho. Isso exige um processo artesanal e reflexivo. Maurício sempre trouxe mais perguntas do que respostas quando se tratava de construir argumentos e realizar análises. Às possibilidades que se apresentavam, trazia outras vias e completava, “pense... você não precisa me responder agora”. A ausência de respostas prontas, quadros acabados e metodologias engessadas, permitiu reflexões exigentes e generosas que contribuíram para lidar com a indeterminação dos processos da/na pesquisa. Salientamos também o empreendimento de ações que propiciassem a formação dos estudantes para além das disciplinas componentes dos currículos dos cursos de graduação, mestrado ou doutorado. Tal cuidado se refletia, por exemplo, na formação de grupos de estudos, na construção de uma biblioteca do núcleo de pesquisa, na realização de seminários de pesquisa com apresentações provisórias dos

projetos e das pesquisas, na constituição de um espaço para a discussão não apressada de temas caros à epistemologia da Administração.

A indeterminação dos processos vivida no cotidiano permite que haja uma constante construção de argumentos e perspectivas. Tal fato pode ser observado com o espaço de questões inquietantes do Colóquio de Epistemologia, que se desdobra em outras tantas questões pelos participantes. Não se trata assim de buscar encerramentos ou pontos finais, mas de se preocupar com as aberturas. O Colóquio possibilitou que jovens e seniores pesquisadores se interajam e formem experiências genuínas. Para tanto, norteado por uma visão do professor Maurício Serva, ele é construído a partir de uma lógica que, a priori, contraria os formatos dos eventos tradicionais, concede mais tempo para discussão em sessão única, permitindo que todos sejam atravessados e implicados naquela experiência.

Figura 1

Três das máximas pragmatistas



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para finalizarmos, a figura acima busca sintetizar um exercício teórico pragmatista que propusemos nesse ensaio-depoimento sobre a trajetória recente

do professor Maurício Serva. Acreditamos que as nossas vivências com ele se tornaram elementos para salientar sua abordagem pragmatista não só como perspectiva para os trabalhos científicos. A partir de três “máximas pragmatistas” desenvolvemos um conjunto de operadores analíticos que pode, humildemente, expressar atravessamentos individuais, bem como transcender para as experiências comuns que marcaram nossas relações nos espaços criados por ele. Empreendimentos que contribuíram para nossa formação e para o campo, especialmente, o Núcleo ORD e o Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração.

REFERÊNCIAS

Bernstein, Richard J. (2010). *The pragmatic turn*. Cambridge: Polity Press.

Bessy, Christian & Chateauraynaud, Francis. (2014). *Experts et faussaires: pour une sociologie de la perception* (2eme ed). Paris: Pétra.

Boltanski, Luc & Thévenot, Laurent (1991). *De la justification*. Paris: Gallimard.

Cefai, Daniel (2017). Públicos, problemas públicos, arenas pública: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). *Novos Estudos CEBRAP*, 36(1), 187-213.

Chateauraynaud, Francis (2012). A prova do tangível: experiências de investigação e o surgimento da prova. *SocioPhilo - Iesp/Uerj*. Recuperado em 12 novembro, 2022 de: <https://blogdolabemus.com/2018/07/16/a-prova-do-tangivel-experiencias-de-investigacao-e-o-surgimento-da-prova-parte-2-por-francis-chateauraynaud/>.

Cometti, Jean-Pierre (2010). *Qu'est-ce que le pragmatisme?* Paris: Gallimard.

Dewey, John (2011). *Reconstrução em filosofia*. São Paulo: Ícone.

Dewey, John (1974). *Experiência e natureza*. São Paulo: Abril Cultural.

Dodier, Nicolas & Barbot, Janine (2017). A força dos dispositivos. *Sociedade e Estado*, 32, 487-518.

Dosse, François (2003). *Império do sentido: a humanização das ciências humanas*. São Paulo: Edusc.

Dunker, Christian (2020). *Paixão da ignorância. a escuta entre psicanálise e educação*. São Paulo: Contracorrente.

Guerreiro Ramos, Alberto (1989). *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV.

Serva, Maurício (2023). Análise pragmatista de organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 63(1), e2021-0563.

Serva, Mauricio (1996). *Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas*. Tese de doutorado, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.

Thévenot, Laurent (2006). *L'action au pluriel: sociologie des régimes d'engagement*. Paris: La Découverte.

UMA (HUMILDE) HOMENAGEM PRAGMATISTA A MAURÍCIO SERVA

Resumo

Este ensaio-depoimento tem por objetivo homenagear o professor Maurício Serva pela sua contribuição ao campo dos estudos organizacionais na última década. Intentamos registrar um conjunto de aprendizados, momentos vividos e sociabilidades proporcionadas, demonstrando a potência desenvolvida em relações construídas com e a partir dele. O depoimento, escrito a seis mãos, traz relatos com breves depoimentos-memórias de interações com o professor Maurício Serva. Na sequência, o texto destaca algumas máximas pragmatistas que marcam o projeto pragmatista em sua trajetória recente e destacamos duas posturas fundamentais: a resistência e potência no/do fazer científico em administração e a preocupação epistêmico-metodológica com a ação nas organizações. Finalizamos destacando que essas máximas pragmatistas se expressam também em suas práticas cotidianas e que a contribuição do professor Maurício Serva para o campo passa tanto pela formação de pesquisadores, quanto pela consolidação de espaços científicos que promovam diálogos e sejam pautados em princípios éticos e na generosidade.

Palavras-chave

Maurício Serva. Homenagem. Máximas pragmatistas. Estudos organizacionais.

UN (HUMILDE) HOMENAJE PRAGMATISTA A MAURÍCIO SERVA

Resumen

Este ensayo-testimonio tiene como objetivo homenajear al profesor Maurício Serva por su contribución al campo de los estudios organizacionales en la última década. Intentamos registrar un conjunto de lecciones aprendidas, momentos vividos y sociabilidad brindada, demostrando el poder desarrollado en las relaciones construidas con y desde ella. El testimonio, escrito a seis manos, trae relatos con breves testimonios-recuerdos de interacciones con el profesor Maurício Serva. En la secuencia, el texto destaca algunas máximas pragmatistas que marcan el proyecto pragmatista en su trayectoria reciente y destacamos dos posturas fundamentales: la resistencia y el poder en/de hacer un trabajo científico en la administración y la preocupación epistémico-metodológica por la acción en las organizaciones. Concluimos destacando que estas máximas pragmáticas también se expresan en sus prácticas cotidianas y que la contribución del profesor Maurício Serva en el campo implica tanto la formación de investigadores como la consolidación de espacios científicos que promuevan el diálogo y se basen en principios éticos y de generosidad.

Palabras clave

Maurício Serva. Homenaje. Máximas pragmatistas. Estudios organizacionales.

A (HUMBLE) PRAGMATIST TRIBUTE TO MAURÍCIO SERVA

Abstract

This essay-testimonial aims to honor Professor Maurício Serva for his contribution to the field of organizational studies in the last decade. We tried to record a set of lessons learned, moments lived and sociability provided, demonstrating the power developed in relationships built with and from it. The testimony, written in six hands, brings reports with brief testimonials-memories of interactions with Professor Maurício Serva. In the sequence, the text highlights some pragmatist maxims that mark the pragmatist project in its recent trajectory and we highlight two fundamental postures: resistance and power in/of doing scientific work in administration and the epistemic-methodological concern with action in organizations. We conclude by highlighting that these pragmatist maxims are also expressed in their daily practices and that Professor Maurício Serva's contribution to the field involves both the training of researchers and the consolidation of scientific spaces that promote dialogue and are based on ethical principles and generosity.

Keywords

Maurício Serva. Tribute. Pragmatist maxims. Organizational studies.

CONTRIBUIÇÃO

Danilo Melo

O autor declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Gustavo Matarazzo

O autor declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Rafael Alcadipani

O autor declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (equânime), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Os autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Melo, Danilo, Matarazzo, Gustavo, & Alcadipani, Rafael (2023). Uma (humilde) homenagem pragmatista a Maurício Serva. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(28), 366-389.